



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2020 – Nº 58

ISSN 1518-1766

ALB

O PERU E PAPAI NOEL

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Passado o episódio, ela não lamentava o prejuízo, mas não ter podido realizar o sonho de uma ceia de Natal como antigamente, com o peru à Califórnia sobre a mesa, os amigos e depois da ceia a dança, queixo-no-queixo, coxa-na-coxa, ao som da radiola, antes da missa do galo.

O marido rabugento tinha um brechó na periferia. Visitava as feiras de rolo e velórios em que se dizia amigo do defunto, e se oferecia para comprar seu enxoval e objetos sem uso da casa. Não era um receptador e por isso gozava de boa reputação com os tiras da zona, que frequentava à noite.

Naquela véspera de Natal bateu na casa um velho de cabelos e barbas brancas com uma camisa encarnada e um saco nas costas que parecia um Papai Noel raquítico. O velho disse à dona da casa que o marido havia mandado entregar aquele peru para a ceia do Natal. A senhora surpresa mandou o velho colocar o peru no quintal. Quando o peru saiu do saco: cantou, abriu a cauda em leque e arrastou as asas no chão à procura de uma fêmea. A coroa viu naquela dança um presságio.

Agradecida, ela lhe ofereceu água, café e prosa amiga. Ele disse que Seo Dozinho pediu para ela mandar a radiola que ele queria trocar por uma estereofônica para a noite do Natal. A mulher o levou até a sala e apontou a radiola. O velho se agachou, tirou a tomada da parede, um fio enterrado em um vaso com terra e a antena que subia para o telhado. Acomodou a radiola no saco e o colocou nas costas. Despediu-se e saiu caminhando pela rua. A coroa anteviu a sala cheia de amigos, a lapinha, a pista de dança e a nova radiola estéreo.

Quando o marido chegou ao meio-dia reclamando da vida, ela o recebeu com um beijo mais quente do que de costume e prometeu preparar uma ceia de Natal como antigamente para a família e amigos. Avisou que depois da ceia queria dançar um bolero. Ele estranhou tanta amabilidade, mas não disse nada, porque tinha outro compromisso para aquela noite. Mas tomou um susto quando quis ouvir o noticiário.

Irritado com a bobeira da mulher, que vivia sonhando acordada, jurou que iria pegar o ladrão com um amigo policial e dá-lhe um corretivo. Saiu às pressas, sem nem almoçar. No meio da tarde chegou à casa um jovem bem-apegoado dizendo que Seo Dozinho estava na Delegacia com o lalau, mas que ele dizia que fora uma troca de presentes natalinos e queria o peru de volta para entregar a radiola. Ela, ainda aturdida, mandou o rapaz pegar o peru. Romântica, ela trocou a confraternização por um lanche íntimo ao som de boleros. Foi ao armazém, comprou um vinho e continuou fantasiando. Só despertou de seu sonho lindo quando o marido voltou para a janta irascível e perguntou se o peru já estava sendo assado e quem eram os amigos que ela havia convidado.

Moral da estória: o brasileiro não fecha a porta, nem depois de roubado.

Paulo Ormino de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n.º 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração.

